

O PENSAMENTO UTÓPICO NA POESIA MODERNISTA: MÁRIO DE ANDRADE E T.S. ELIOT

Priscilla Pellegrino de Oliveira

(Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa- UERJ)

RESUMO:

O trabalho discute a concepção de Utopia a partir de seu surgimento na literatura, focalizando sua expressão na poesia modernista feita por dois poetas: Mário de Andrade, no Brasil, e T. S. Eliot, na Inglaterra. O objetivo desse estudo é vincular o pensamento utópico de tais artistas à insatisfação pessoal de cada um deles em relação às condições sócio-políticas das cidades em que viviam. Para isso, dois poemas, *O Rebanho*, de Mário de Andrade; e um trecho de *Terra Desolada*, de T. S. Eliot, foram analisados numa abordagem comparativa, envolvendo o mesmo momento histórico e data em que os textos foram escritos, a saber, 1922.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia, poesia, modernism.

ABSTRACT:

This work discusses the conception of Utopia from its emergence in literature, focusing its expression on the modernist poetry produced by two poets: Mário de Andrade, in Brazil, and T. S. Eliot, in England. The aim of this study is to entail the utopist thought of such artists to their own dissatisfactions concerning the socio-political conditions of the cities they lived in. For that sake, two poems, *The drove*, by Mário de Andrade; and a passage of *The waste land*, by T. S. Eliot, were analyzed in a comparative approach, involving the same historical moment and date in which the texts were written, namely, 1922.

KEY WORDS: Utopia, poetry, modernism.

Ao falarmos sobre utopia na literatura, normalmente imaginamos relatos de viajantes ou romances que se passam em lugares que não este onde vivemos. Porém, o pensamento utópico também se manifesta na poesia através do desejo do poeta de vivenciar um mundo melhor. A utilização do termo utopia está frequentemente ligada à ideia de um sonho bom, porém irrealizável. Originalmente, esse termo foi cunhado por Thomas More, no século XVI, e deu o título a sua obra mais conhecida. Vejamos a definição presente em **Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**:

Sir Thomas More – primeiro a empregar essa palavra (do grego *ou* “nã” + *topos* “lugar” = o “não lugar”) em literatura quando a escolheu como título para sua república imaginária *Utopia* (1516). Em inglês, percebemos um jogo de palavras com *eutopia* (*eu* “bem” = lugar onde tudo está bem ou o “bom lugar”)¹ (CUDDON: 1999, p. 957-59)

Um texto utópico claramente se refere a um lugar agradável, mas normalmente é também localizado em um lugar imaginário e irreal. Tal dualismo leva-nos a pensar se tal lugar perfeito não seria, na verdade, inconcebível. A realização do ideal seria impossível também, segundo Teixeira Coelho, devido ao excedente utópico, que se explica da seguinte forma:

A imaginação utópica não se esgota com a realização de seu objetivo. Mesmo quando este se apresenta como algo concreto, como resultado da ação utópica, há um resto que permanece para ser retomado por outra imaginação utópica do mesmo homem, do mesmo grupo social. Há sempre um excedente utópico a funcionar como mola de um novo ciclo imaginativo, há sempre algo de irrealizado que busca realizar-se numa nova projeção. (COELHO: 1984, p. 12)

Assim, o que podemos dizer é que o homem estará sempre em busca de um objetivo que, mesmo sendo realizado, nunca será satisfatório, pois ele idealizará um novo sonho. A imaginação utópica é essencial para as mudanças históricas e sociais, pois alavanca acontecimentos através de um desejo de melhoria geral. Como afirma Teixeira Coelho, tal pensamento impulsiona invenções, descobertas e revoluções ao se materializarem desejos surgidos a partir de uma projeção de diferenças na realidade. A realidade vivida parece nunca estar de acordo com o que é considerado perfeito do ponto de vista de uma determinada época e, sendo assim, o ideal passa a ser um objetivo a ser alcançado. O filósofo Emile M. Cioran (1994) observa que se o homem deixar de lado tal imaginação, ocorrerá certa estagnação social por ter ele se contentado com o que tem. Então, ele não seria um animal histórico capaz de buscar mudanças e de recusar a felicidade “dada”.

¹ Trecho original: Sir Thomas More was the first to apply this word (from Gk *ou*, ‘not’ + *topos*, ‘place’) to a literary genre when he named his imaginary republic *Utopia* (1516), a pun on *eutopia*, ‘place (where all is) well’. Todas as citações deste estudo cujas referências bibliográficas se encontram em língua inglesa são traduções próprias.

O pensamento utópico ao longo da história

Em relação à imaginação utópica na literatura, pode-se considerá-la presente desde a antiguidade. O texto épico mesopotâmico de *Gilgamesh*, que data de, aproximadamente, 2000 a.C., conta a história do rei sumério que dedicou toda a sua vida em busca da vida eterna. Tal texto teria inspirado escritos bíblicos, vários dos quais remontam a um reino que não é daqui, causando a sensação de que o ideal foi perdido ou deve ser buscado. Essa sensação de perda foi retratada em um poema épico do século XVII, considerado por vários estudiosos um dos mais proeminentes modelos de pensamento utópico em relação ao passado: **Paraíso Perdido** (1655), do poeta inglês John Milton.

Contudo, a expressão utópica na arte literária remonta ao classicismo, quando Platão descreveu o que seria um estado ideal em seu texto filosófico **A República** (em torno de 370 a.C.). De maneira dialógica, Sócrates e seus discípulos discutem a organização de um lugar cujas características principais seriam: a crença no poder da educação como transformador social, a divisão de classes de maneira justa, a presença de um governo, a ausência de riqueza ou pobreza excessivas, a igualdade entre os sexos, a abolição da família e da propriedade privada, o bem comunitário, a subserviência da arte em relação à razão e a manutenção de uma religião. Já que a utopia reflete, segundo Oliveira (1998, p. 35), “a insatisfação do espírito humano com respeito a um dado existente, insatisfação esta expressa na busca de sistemas ideais que sirvam de contraponto à realidade, o pensamento ético-político-pedagógico de Platão pode ser tomado enquanto construção utópica.”

Do mesmo modo, **A Utopia** (1516), de Thomas More, considerada a primeira utopia literária dos tempos modernos, descreve uma sociedade organizada, um modelo tomado por perfeito segundo a visão do autor, criticando a Inglaterra do século XVI. Vários temas presentes na **Utopia** são comuns à obra **A República**, de Platão. A história é supostamente contada por um naufrago que viveu em Utopia, uma ilha isolada e quase impossível de ser alcançada, por aproximadamente cinco anos. Sua descrição da ilha retoma vários elementos utilizados por Platão, tais como a abolição do dinheiro, diminuição das horas de trabalho, escravidão como forma de pena, permissão do divórcio e acesso a bons hospitais, entre outros.

As expressões do pensamento utópico apresentam características em comum que parecem sempre fazer parte do desejo humano no que diz respeito à sociedade e à política. A vida em conjunto vivida de forma harmônica aparece como a essência da utopia e o trabalho coletivo em prol da comunidade é visto como requisito para a convivência pacífica e justa entre as pessoas. A propriedade privada é abolida e a educação deve ser oferecida igualmente a todos pelo estado. A ordem social e a estabilidade são os objetivos de tal manifestação, elevando-se o comunitário ao

individual. Podemos dizer que algumas palavras serviriam de palavras-chave para as utopias: hierarquia, harmonia, coletividade e ordem.

No campo filosófico, o pensamento utópico também se mostra presente como, por exemplo, em obras de Jean-Jacques Rousseau e Charles Fourier (COELHO (1984) e OLIVEIRA (1998)). Como se sabe, Rousseau se opunha à civilização moderna no que diz respeito à ênfase no interesse individual. A propriedade privada seria a fonte de todos os males e desigualdades sociais, transformando o homem em um ser mesquinho. Assim, o pensador propôs tentativas de se concretizar ideais de liberdade e igualdade. Fourier, ao contrário, não tinha como perspectiva o retorno ao estado primitivo, mas a evolução social do homem, como observa Oliveira (1998, p. 100): “a passagem de um período primitivo (éden) a períodos intermediários e destes à civilização (...) visando, outrossim, a passagem a um período posterior, a Harmonia.” Tal organização social superior seria um “*locus* de perfeita integração entre a natureza, o homem e a sociedade.” (*idem*, p. 110-11)

No texto introdutório de **Dystopian Literature: a theory and research guide** (1994), Booker afirma que a literatura utópica é o “meio pelo qual qualquer cultura pode investigar novas maneiras de definir a si próprias e de explorar alternativas ao *status quo* social e político”². O crítico diz que “os trabalhos literários que examinam criticamente as condições existentes e os abusos potenciais que podem resultar da instituição de alternativas supostamente utópicas podem ser vistas como epítome da literatura em seu papel de crítica social.”³ (*idem*) Essa ideia é compartilhada pelo escritor uruguaio Fernando Ainsa:

A utopia não é um gênero de literatura escapista, mas a obra de autores profundamente comprometidos com a realidade política, social e econômica de seu tempo. A maioria das utopias estimula a reflexão crítica sobre uma determinada época: seu projeto imaginário, seu ideal, é sempre concebido em função de valores dominantes na sociedade do autor. (AINSA apud PASOLD, 1997, p. 16-17)

As ideias de Oliveira (1998, p. 35) a respeito do assunto estão de acordo com as de Ainsa, pois afirma que a utopia reflete “a insatisfação do espírito humano com respeito a um dado existente, insatisfação esta expressa na busca de sistemas ideais que sirvam de contraponto à realidade.” Oliveira ainda afirma tratar-se a utopia de um ‘teorema’ ético-político, cujo propósito é “aparecer aos olhos dos homens como expressão de uma ordem eterna, perfeita, isenta de todo mal e que deve ser contrastada com o mundo real, assolado por toda sorte de imperfeições.” (*idem*)

² Trecho original: means by which any culture can investigate new ways of defining itself and of exploring alternatives to the social and political status quo.

³ Trecho original: literary works that critically examine both existing conditions and the potential abuses that might result from the institution of supposedly utopian alternatives can be seen as the epitome of literature in its role as social criticism.

Dois poetas da utopia: Mário de Andrade e T.S. Elliot

O que aqui denominamos poesia da utopia é a expressão do desejo de transformação do mundo que se estruturou, segundo Lima (2008, p. 154), “a partir da obra de poetas como Rimbaud e Lautréamont e teve como eixo de deflagração a conjuntura política do final de 1870 até maio de 1871, ou seja, a Comuna de Paris (...) conduzindo os poetas por toda a extensão da modernidade.” Esse pensamento se refletiu no Brasil através da poesia de vanguarda introduzida aqui a partir da década de 1920, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna, em 1922. Esse evento veio simbolizar a quebra da barreira ideológica de país espelho da cultura europeia a fim de afirmar a cultura brasileira como ela realmente era.

Mário de Andrade, um dos fundadores do movimento modernista no Brasil, era muito claramente, um poeta da utopia. Ele propôs, através de sua poesia, a observação e a reinvenção do Brasil. Seu pensamento crítico era, ao mesmo tempo, ufanista e transformador, cheio de esperanças em relação a uma mudança de conduta da nação no que dizia respeito à cultura brasileira. Tomemos como exemplo dessa expressão poética, o poema *O Rebanho*, publicado em **Pauliceia Desvairada** (1922), contendo o renomado texto inicial “Prefácio Interessantíssimo” e diversos poemas cuja temática é a vida do indivíduo em uma cidade como São Paulo.

Já no primeiro verso da primeira estrofe, lê-se “Oh! Minhas alucinações!”, trecho que se repete mais três vezes ao longo do poema, incluindo seu último verso. Ora, tal frase não emoldura um texto em vão. Ela certamente remete à ideia de imaginação e desejo de algo diferente da realidade vivenciada, a qual percebemos ser a realidade política da época em questão. A seguir, o restante da primeira estrofe descreve a atitude e a pose arrogante de políticos de nosso país sob a visão irônica do poeta:

Vi os deputados, chapéus altos,
sob o pátio vesperal, feito de mangas-rosas,
Saírem de mãos dadas do Congresso...
Como um possesso num acesso em meus aplausos
aos salvadores do meu estado amado!...

A imagem criada por Mário de Andrade é ativa e bela. Os políticos vestem “chapéus altos” e a tarde está repleta de “mangas-rosas”. A última linha da estrofe revela o deboche ácido do escritor em relação aos “salvadores” de seu “estado amado!”, como que enaltecendo sua própria ingenuidade patriótica diante daqueles governantes burgueses que tem em suas mãos o poder de fazer realizar seus sonhos.

Contudo, é na quarta estrofe que fica clara a expressão utópica do poema no sentido da ânsia pela mudança no quadro político do Brasil, como observamos na seguinte passagem:

E as esperanças de ver tudo salvo!
 Duas mil reformas, três projetos...
 Emigram os futuros noturnos...
 E verde, verde, verde!...
 Oh! minhas alucinações!

O uso da palavra “esperança” enche o poema de expectativa incerta sobre o futuro de nossa nação, a de “ver tudo salvo!”. Como se algo estivesse perdido, mas tivesse solução. No entanto, não é o poeta que pode agir e resolver os problemas que vê, mas aqueles que poderiam por em prática seus “projetos”. O poeta só pode esperar que eles ocorram através de suas “verdes alucinações”, sim, verdes da cor da esperança.

Nas duas últimas estrofes, ocorre uma transformação na visão do poeta: os deputados mudam-se “pouco a pouco em cabras!/Crescem-lhe os cornos, descem-lhes as barbinhas...”. Desse modo, o cenário que o poeta vislumbra passa a ter a seguinte forma:

E vi que os chapéus altos do meu estado amado,
 com triângulos de madeira no pescoço,
 nos verdes esperanças, sob as franjas de oiro da tarde,
 se punham a pastar
 rente do palácio do senhor presidente...
 Oh! Minhas alucinações!

Continuando dentro de sua imaginação, o observador agora vê os governantes que andam juntos simbolizados por um grupo de cabras, fazendo parte de um rebanho que “pasta rente do palácio do senhor presidente”. O rebanho de cabras simboliza a animalização desses governantes na seguinte questão: falta-lhes humanidade, pois destroem a esperança. Podemos entender essa transformação imagética como uma falta de otimismo do poeta perante a situação vivida.

Assim, entendemos a manifestação poética de Mário de Andrade nesse texto como a expressão do pensamento crítico social do indivíduo em busca de uma mudança histórico-cultural em um país passando por um momento de renovação artística e intelectual.

Tendo sido um forte movimento artístico no Brasil, o modernismo e a poesia de vanguarda chegaram até aqui através de poetas e intelectuais fortemente influenciados pela arte europeia. O movimento na Europa era de ruptura com o passado literário tradicional, de experimentação de novas técnicas e liberdade poética. No mesmo ano em que Mário de Andrade publicou **Pauliceia Desvairada** (1922), o poeta T. S. Eliot publicou *The Waste Land [A Terra Desolada]*, na Inglaterra. Americano naturalizado inglês, Eliot é considerado o patrono das vanguardas literárias de língua inglesa e a obra citada é, segundo Ivan Junqueira, em introdução (1981, p. 13) “de decisiva importância para a formação da mentalidade poética contemporânea e que o consagra como um dos expoentes da literatura de língua inglesa deste século.”

O poema *A Terra Desolada* é dividido em cinco grandes partes, apresentando uma variedade de imagens do mundo moderno. Utilizaremos aqui somente um trecho da seção III – *O Sermão do Fogo* (ELIOT: 1981, p. 96-100), a fim de ilustrarmos a desilusão perante a cidade, paisagem maculada em consequência da Revolução. A partir do quarto verso do início do poema, observamos a utilização da imagem do Rio Tâmis como um reflexo de sua amargura dentro da cidade:

Doce Tâmis, corre suave, até que meu canto eu termine.
O rio não suporta garrafas vazias, restos de comida,
Lenços de seda, caixas de papelão, pontas de cigarro
E outros testemunhos das noites de verão. As ninfas já partiram.
(p. 96)

O tranquilo rio londrino, hoje despoluído, até a década de 1950 era considerado um rio biologicamente morto, devido ao alto nível de poluição. Isso é visto com um olhar triste por parte do poeta que observa a presença de lixo no leito do rio. O rio, assim como ele, também “testemunha” os acontecimentos de uma cidade industrial como Londres. No trecho “As ninfas já partiram” percebe-se o descontentamento do escritor diante da degradação da cidade mostrada através da transformação do rio como uma quebra da antiga beleza que deixa de existir, cedendo lugar à cidade moderna.

No trecho que se segue, o poeta lamenta o abandono do rio, o descaso com sua poluição pelos empresários industriais e pelas gerações que se seguem sem que se perceba o mal causado: “E seus amigos, os ociosos herdeiros de magnatas municipais,/Partiram sem deixar vestígios.”(*idem*) E o cenário de ambiente sujo e degradante continua a partir do verso quinze:

Um rato rasteja macio entre as ervas daninhas,
Arrastando seu viscoso ventre sobre a margem
Enquanto eu pesco no canal sombrio
Durante um crepúsculo de inverno, rodeando por detrás o gasômetro
(*idem*)

Um rato é visto pelo poeta, aproximando o rio de um ambiente tão pútrido e sombrio quanto um esgoto margeado por “ervas daninhas”. A presença de um gasômetro nas proximidades do rio mostra a ocupação do espaço por um objeto que simboliza a urbanização da cidade: um reservatório de gás utilizado para levar iluminação às ruas. As máquinas da metrópole são lembradas pelo poeta mais uma vez no verso vinte e dois: “Atrás de mim, porém, de quando em quando escuto/O rumor das buzinas e motores...” (*idem*).

Do verso trinta e dois em diante, Eliot introduz um momento imaginário, iniciado pela expressão “Cidade irreal”, a qual expressa nitidamente a passagem para uma divagação utópica. Como observa Camargo (2008, p. 193), “O poeta resgata uma totalidade de sensibilidade e funde,

em seu poema, todas as cidades do passado e do presente em um declínio apocalíptico sob a nova forma de Cidade Irreal.” A seguir, o início do trecho:

Cidade irreal,
Sob a fulva neblina de um meio-dia de inverno
O Senhor Eugênides, o mercador de Smyrna,
A barba por fazer e o bolso cheio de passas coríntias
C.I.F. Londres, documentos à vista
Convidou-me em seu francês vulgar (demótico, eu diria)
A almoçar no Cannon Street Hotel
E a passar um fim de semana no Metrópole.
(p. 97)

Em seu momento imaginário, ele sai da escuridão da noite londrina e avista, em um dia “fulvo”, um certo negociante que fala um francês popular que o convida a participar de sua vidinha prosaica. Desse modo, o poeta continua seu poema misturando “uma variedade de cenas isoladas, fragmentadas, que apresentam uma variedade de cenas do mundo moderno, que revelam o seu desespero e, sobretudo, a sua esterilidade.” (CAMARGO: 2008, p. 193)

Percebe-se que, para Eliot, a cidade moderna representa um misto de cores, imagens, sons, pessoas, máquinas e histórias que se entrelaçam ao mesmo tempo que parecem não ter relação entre si. O poeta canta a cidade, referenciando-se às sensações que experimenta ao viver naquele emaranhado de vidas: “Ó Cidade cidade, às vezes posso ouvir/Em qualquer bar da Lower Thames Street/O álaçre lamento de um bandolim.”(p. 98)

Ambos os poetas apresentados aqui foram fundadores e representantes do movimento modernista em seus respectivos países. Embora Mário de Andrade nunca tenha saído do Brasil, era um intelectual que se mantinha sempre atualizado na arte literária através de leituras de revistas e manifestos europeus, de onde vieram suas maiores influências. Apesar de ter nascido nos Estados Unidos, T. S. Eliot é considerado um grande representante da literatura inglesa moderna, pois naturalizou-se inglês e viveu na Inglaterra a maior parte de sua vida.

Nas obras dos poetas mencionados encontram-se características muito parecidas, reflexo de uma época em que a arte literária passava por uma mudança drástica de uma tradição formal para uma inovação técnica e temática. Desse modo, a inquietação da vida moderna passa a ser tema central na poesia de escritores que representaram essa época, a saber, a década de 1920, anos de desilusão individual em relação à sociedade devido às impressões deixadas pela Primeira Guerra

Mundial. A população passou a crescer mais velozmente na Europa, e em países colonizados como o Brasil surgiu a necessidade da afirmação da nacionalidade e da cultura.

Dessa maneira, cada poeta expressou seus sentimentos de angústia e esperança utilizando-se da arte poética. O foco principal desses artistas foi a cidade em que viviam, com todos os seus defeitos e suas qualidades, suas realidades e suas possibilidades, como aponta Camargo (2008, p. 193) em: “Na poesia moderna, de modo geral, há uma substituição da cidade “real”, materialmente dominada por albergues e lojas com empregadas exploradas, de vitrines, de expectativas quanto ao desenvolvimento, pela cidade “irreal”, palco da liberdade e da fantasia, individualidades estranhas em estranhas justaposições.”

O desejo de transformação desses poetas foi demonstrado através de um espírito revolucionário manifesto na obra desses escritores, pois como lembra Lima (1998, p. 29), “Mudar a vida, transformar o mundo eram as palavras de ordem dos poetas e artistas no front da utopia estético-revolucionária.” E era exatamente isso que a utopia representava para esses poetas da modernidade, uma revolução no pensamento, uma explosão de “sentidos de uma realidade do mundo para criar a possibilidade efetiva de uma outra nova realidade, de um lugar-outro.” (LIMA: 2008, p. 153)

Dessa maneira, percebemos com clareza como o ideal utópico se fez presente na arte modernista através da poesia de autores que, apesar de viverem realidades diferentes, compartilhavam da mesma angústia em relação ao mundo imperfeito que observavam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

BOOKER, M. Keith. **Dystopian Literature: a Theory and Research Guide**. Westport: Greenwood Press, 1994.

CAMARGO, Flávio Pereira. Representações da Metrópole na poesia de T. S. Eliot e Hart Crane. In: **ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n.16, 2008. Disponível em http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/F_Camargo.pdf. Acesso em: 10/10/09.

CIORAN, Emile M. **História e Utopia**. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COELHO, José Teixeira. **O que é utopia**. 4.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. Col. Primeiros Passos.

CUDDON, J. A. **Dictionary of Literary Terms and Literary Theory**. London: Penguin, 1999.

ELIOT, T. S. **Poesia**. Introdução e tradução de Ivan Junqueira. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

LIMA, Carlos. Vanguarda e Utopia – surrealismo e modernismo no Brasil. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. Ilhéus: UESC, 1998.

_____. Modernidade e Utopia na América Latina. In: _____. **Genealogia Dialética da Utopia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

OLIVEIRA, Renato José de. **Utopia e Razão**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

PASOLD, Bernadete. **Utopia X satire in English literature**. Florianópolis: ARES, 1997.